

As representações sociais e as motivações para adoção de pretendentes brasileiros à adoção

Andréia Isabel Giacomozzi¹, Marcela Nicoletti²
e Eliete Machado Godinho³

The social representation and the motivations for adoption of Brazilian adoption applicants

Abstract

We carried out a quantitative, a qualitative and a descriptive study with 84 adoption applicants in a southern county of Brazil, in order to investigate the social representation of adoption, as well as the motivation for adoption and the profile of children desired by the adoption applicants. The data were analyzed using the SPSS and SPAD software. The researchers presented a social representation of adoption as being an act of love, while the observed motivations evinced that people adopt because they cannot have biological children or because they want to do charity. The factorial analysis of gender correspondence put men and women on opposite sides, both on the social representation of adoption and on the motivations for adoption.

Keywords: adoption; adoption parenting; social representation

1 Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Email: agiacomozzi@hotmail.com

2 Graduação em Psicologia pela UFSC. Email: marcelantt@gmail.com

3 Graduação em Direito pela UNISUL, estudante de Psicologia. Email: emg5353@tjsc.jus.br

Resumo

Realizou-se estudo quantitativo, qualitativo e descritivo com 84 pessoas pretendentes à adoção em uma comarca do sul do Brasil, objetivando investigar tanto as representações sociais da adoção, como a motivação para adoção e o perfil das crianças desejadas pelos pretendentes. Os dados foram analisados com auxílio dos *softwares* SPSS e SPAD. O grupo apresentou representação social da adoção como sendo um ato de amor, enquanto as motivações observadas evidenciaram que as pessoas adotam porque não podem ter filhos biológicos ou porque querem fazer caridade. A análise fatorial de correspondência colocou homens e mulheres em polos opostos tanto nas representações sociais da adoção, quanto nas motivações para adoção.

Palavras-chave: adoção; parentalidade adotiva; representações sociais

A adoção corresponde à criação de um relacionamento afiliativo que envolve aspectos jurídicos, sociais e afetivos, que a diferenciam, portanto da filiação biológica. Essas distinções envolvem a exposição a um processo avaliativo realizado com vistas à habilitação para adoção, indeterminação do tempo da “gestação adotiva”, e a valorização social dos laços consanguíneos, entre outros (Reppold & Hutz, 2003).

Ela é uma prática muito antiga, visto que estudos bíblicos já descrevem casos de adoção (Paiva, 2004), contudo a escassez de estudos científicos sobre a temática no Brasil colabora para que ela continue sendo tratada de forma preconceituosa, envolta por mitos e fantasias, contribuindo para a formação de concepções limitadas e errôneas em relação principalmente aos filhos por adoção (Weber, 2001).

Além disso, a literatura (Gomes & Iyama, 2001; Iyama & Gomes 2005; Levinzon, 2006; Otuka, 2009; Rosa, 2008; Santos, Raspantini, Silva & Escrivão, 2003; Scorsolini-Comin & Santos, 2008) têm apontado para uma série de elementos específicos na vivência das famílias adotivas, que envolvem preconceitos, fantasias e medos que permeiam o universo da adoção. Algumas dessas fantasias incluem o sentimento de apropriação ou “roubo” da criança de outrem, ou de que a criança seja levada embora futuramente.

No que tange às motivações para a adoção, estudo realizado por Weber (2003), com 240 pais adotivos, de diversos estados brasileiros, observou que a principal motivação apresentada foi a infertilidade. Autores (Becker, 2002; Cassin, 2000; Santos & Pereira, 1999) argumentam que, tanto a maneira como os pais por adoção lidam com o luto pela infertilidade e pelo tão desejado filho biológico que não

conseguiram gerar, como os papéis que atribuem à criança adotada irão influenciar no sucesso ou não do projeto de adoção.

Tais estudos ainda apontam para a preferência brasileira pela adoção de recém-nascidos, de mesma cor de pele que a família adotante, preferencialmente, do sexo feminino, pois as mulheres são representadas como mais “dóceis” e de melhor adaptação a novos ambientes. Também foi observado o medo da realização de adoções tardias em vista de um estigma de que crianças mais velhas trariam consigo maus hábitos, defeitos de caráter adquiridos em suas famílias de origem (por convivência ou por herança biológica) ou ainda adquiridos em abrigos.

A maternidade e a paternidade têm em nossa sociedade forte valorização dos laços consanguíneos. Em uma pesquisa sobre as representações sociais da maternidade e paternidade, com pessoas que buscaram uma clínica de reprodução assistida, Trindade (1993), observou que entre as principais categorias definidoras da representação da maternidade encontraram-se a identidade feminina (ser mãe como condição essencial para o ser mulher); a realização pessoal, sendo uma necessidade pessoal da maternidade como forma de realização; e a presença do filho biológico como condição para concretizar plenamente a maternidade. Com relação à paternidade, foram apontadas as mesmas categorias principais, o que além de indicar uma forte associação entre o ser mulher e ser homem com a necessidade de procriação, também aponta para a valorização do filho biológico em detrimento do filho por adoção.

A teoria de base utilizada para este estudo foi a teoria das representações sociais — RS de Moscovici (1981), definida como um conjunto de conceitos, proposições e explicações que são construídos no cotidiano, através das comunicações interpessoais. Para Abric (1994) as representações funcionam como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com seu ambiente físico e social, determinando assim, seus comportamentos ou suas práticas.

De acordo com Trindade (1998) a partir do estudo de obras de vários autores sobre práticas e práticas sociais, podem-se definir práticas sociais de duas formas: a primeira como sendo um conjunto de ações; e a segunda como ações que se apresentam de forma encadeada e organizada.

Existem diferentes abordagens de estudo das representações sociais, sendo que cada uma avalia o processo de construção das representações com enfoques distintos, mas complementares. A abordagem dimensional proposta por Moscovici (1978) descreve como as representações sociais são construídas. Ela distingue três dimensões para as representações sociais: a *dimensão informação*, que trata da organização dos conhecimentos que um grupo possui sobre um determinado objeto social, bem como da quantidade e qualidade deste conhecimento; a *dimensão atitude*, que se refere à organização das pessoas em relação ao objeto representado

envolvendo um componente afetivo, que exerce influência no posicionamento pró ou contra frente a este objeto; e a *dimensão campo*, que remete à noção de imagem, de modelo social, ao conteúdo das proposições pertencentes a um aspecto preciso do objeto da representação.

A abordagem dinâmica (Jodelet, 2001) considera as dimensões das representações sociais, e procura explicar como essa forma de pensamento interfere na vida cotidiana das pessoas. Assim, as representações são compreendidas sob uma perspectiva prática, pois esta abordagem propõe que esta forma de conhecimento é construída em decorrência de uma necessidade das pessoas de saber como agir no cotidiano, como dominar o meio, identificar e resolver problemas (Jodelet, 2001).

A abordagem estrutural (Abric, 1994) concentra a atenção nas representações estabilizadas, focando na dimensão do campo e como se estruturam os conteúdos representacionais. Segundo esta perspectiva, as representações sociais estruturam-se em torno de dois sistemas: um núcleo central e um periférico. O núcleo central é composto por elementos mais estáveis e resistentes à mudança e tem como função organizar e dar estabilidade à representação. Estes elementos também são mais abstratos, referindo-se a aspectos normativos (ligados a sistemas de valores, padrões sociais e ideologias), mas também a elementos funcionais, que podem ser mais ou menos ativados de acordo com a proximidade dos indivíduos com o objeto de representação. O sistema periférico é composto por elementos mais flexíveis e que se alteram com mais facilidade em decorrência do contexto social dos indivíduos. Tem como função proteger o núcleo central, impedindo a transformação da representação, sendo composto por elementos funcionais e ligados a práticas concretas, descrevendo e determinando ações (Abric, 2003; Flament, 2001).

Ainda no que tange a inter-relação entre as representações sociais e as práticas sociais, de acordo com Almeida, Santos e Trindade (2000), atualmente se observa o predomínio da ideia da interdependência entre elas. Assim, as RS regulam as práticas sociais dos sujeitos e ao mesmo tempo elas emergem das diferentes práticas sociais. Rouquette (1998) afirma que as representações são uma condição das práticas, enquanto as práticas seriam um agente de transformação das representações.

O presente estudo objetivou, portanto investigar as representações sociais de pretendentes à adoção sobre adoção, bem como as motivações e anseios com relação à adoção. Realizou-se também uma categorização do perfil de crianças buscado pelos pretendentes.

MÉTODO

Caracterização da pesquisa

Tratou-se de estudo de natureza descritiva quantitativa e qualitativa. A parte descritiva quantitativa do estudo refere-se ao detalhamento do perfil dos pretendentes à adoção, com relação ao sexo, idade, estado civil, o fato de já ter filhos biológicos e ou por adoção, etc. Além disso, procurou-se descrever o perfil da criança pretendida pelos pretendentes, suas representações sociais e motivações para adoção, o que perfaz a parte descritiva qualitativa. O estudo foi exploratório, não randômico. Os participantes são pretendentes à adoção, que entraram com pedido de habilitação para inclusão no CUIDA - Cadastro Único Informatizado de Adoção e Abrigo, em uma Comarca do Sul do país, convidados a participar voluntariamente por funcionários do Fórum dessa Comarca que lidam com questões de adoção.

Amostra

Participaram do estudo 84 pessoas pretendentes à adoção, sendo 53.6% do sexo feminino e 46.4% masculino. Com relação à raça, cor dos participantes, 97.6% eram brancos e somente um casal (2.3%) era negro. A média de idade dos participantes foi de 36 anos e 8 meses, com desvio padrão de 6.76. Com relação ao estado civil, observou-se que a maioria (85.7%) declarou-se casada, enquanto 8.3% declarou estar em união consensual, 3.6% solteiros, 1.2% viúvo e 1.2% divorciado. Com relação à paternidade e maternidade anterior, a maior proporção (78.3%) declarou não ter filhos biológicos, enquanto 21.7% afirmaram tê-los. Além disso, 2.5% dos participantes afirmaram já ter filhos por adoção.

No que tange à escolaridade dos pretendentes, maior proporção (33.7%) declarou ter nível superior completo, seguidos pelos participantes com nível médio completo (24.1%) e pelos com nível superior incompleto (15.7%). Além disso, 10.8% dos participantes têm pós-graduação, 9.6% declararam ter ensino médio incompleto, 4.8% ensino fundamental completo e a menor proporção, (1.2%) declarou ter o nível fundamental incompleto.

Com relação à renda mensal individual dos participantes, obteve-se uma média de R\$ 2641.85. Quando se questionou a renda familiar, este valor subiu para R\$ 4937.14.

Instrumento

Foi utilizado o questionário autoaplicado individualmente. As questões podem ser classificadas em três grupos. O primeiro se refere às características individuais dos participantes, tais como: idade, estado civil, renda, profissão e nível de escolaridade. O segundo grupo de questões diz respeito ao perfil da criança que se pretende adotar e a explicação deste perfil. E o terceiro grupo de questões abertas se refere às representações sociais e à motivação dos pretendentes com relação à adoção.

Procedimentos

Os participantes foram contatados na sede do Fórum assim que entregaram os documentos juntamente com o pedido de habilitação para a inclusão no cadastro de pretendentes à adoção. Após darem seu consentimento, o pesquisador os convidava a responder as questões. Os questionários foram respondidos individualmente.

Análise de dados

As respostas fechadas foram colocadas em um banco de dados do *software* SPSS (*Social Package for the Social Sciences*). Foram realizadas análises estatísticas descritivas.

As respostas às questões abertas sobre adoção foram digitadas em um banco de dados e analisadas com auxílio do *software* SPAD-T (*Système Portable pour l'Analyse des Données Textuelles*) (Lebart & Salem, 1988). Com este *software* é possível explorar o campo das representações sociais através da análise de correspondência, pois ele executa uma análise textual que permite aplicar uma ampla variedade de procedimentos estatísticos, tais como diferentes versões da análise de correspondência e análise de agrupamento.

Para o estudo das representações sociais, os fatores da AFC podem ser interpretados como princípios organizadores que explicitam as similaridades e diferenças da representação social em diferentes grupos. Pode ser uma supraestrutura ideal para verificar variações no campo representacional de indivíduos com características diferentes (Doise, Clemence, & Lorenzi-Cioldi, 1992).

RESULTADOS

Perfil da criança desejada

Elaborou-se uma questão aberta para que os participantes escrevessem o perfil da criança que desejariam adotar. As respostas foram analisadas com auxílio do *software* SPSS, realizaram-se análises descritivas de frequência das mesmas. Observou-se que 54.8% dos participantes não fizeram opção pelo sexo da criança, enquanto 33.3% querem adotar uma menina e 11.9% um menino.

Com relação à idade da criança, a maior proporção (30.1%) pretende adotar um bebê entre 0 e 1 ano de idade, 25.2% adotariam crianças até 6 anos, 21.7% crianças entre 0 e 3 anos, 9.6% entre 0 e 2 anos, 3.6% adotariam crianças até 7 anos, e 2.4% até 8 anos. Somente 4.8% dos participantes não colocou restrições para a idade das crianças.

Quanto à raça/cor, 50% dos participantes também não fizeram opção, deixando este quesito em aberto, enquanto 33.8% preferem uma criança branca, 12.5% branca ou parda, 2.5% branca, mulata ou negra, e somente 1.3% afirmou que adotaria uma criança negra. Quanto à saúde da criança, a grande maioria (88.9%) pretende adotar uma criança saudável e 11.1% dispõe-se a adotar crianças com problemas de saúde tratáveis. Nenhum pretendente referiu que adotaria uma criança com problemas de saúde mental, doenças crônicas ou outras deficiências. E a maioria (89.2%) prefere adotar somente uma criança, enquanto 10.8% aceitam irmãos. Também não foi referido por nenhum pretendente, aspectos referentes ao tempo de institucionalização das crianças pretendidas.

Outra questão aberta pedia que os pretendentes explicassem por que escolheram este perfil de criança. As respostas foram digitadas e procedeu-se posteriormente com uma análise categorial temática. Para os que escolheram perfil de crianças em tenra idade as explicações giraram em torno de três eixos: O primeiro, com 12 respostas explicava que o desejo por adotar um bebê seria para poder acompanhar/participar de todas as fases da vida da criança. O segundo eixo, com 11 respostas aponta para o fato de que adotar um bebê possibilita curtir mais a criança e também de que é mais fácil estabelecer com ela um vínculo afetivo. O terceiro grupo, com 10 respostas, afirma que quanto mais cedo se adota uma criança, mais fácil é de se educá-la ou “moldar” seu comportamento.

Com relação à raça/cor, os participantes se dividiram em dois grupos, os que não escolhem a raça/cor da criança e os que fazem a escolha. De entre os primeiros, com 6 respostas, as explicações afirmam que o que importa é o amor que vão

sentir pelo filho. A resposta a seguir exemplifica este tipo de pensamento: “O que importa é o coração bondoso que esta criança vai ter conosco e com os outros, isso nós vamos ensinar muito” (sexo masculino, 45 anos, ensino médio completo, vendedor).

Para o segundo grupo deram resposta em geral os que escolheram adotar crianças brancas. Com 9 respostas, as explicações giraram em torno do fato de que escolher uma criança branca é importante para que a criança seja parecida com os pais para que ela não sofra preconceito. A resposta a seguir exemplifica este pensamento: “Porque é a nossa primeira filha e gostaríamos que fosse menina branca para que seja o mais parecida conosco para não ter nenhum tipo de preconceito com ela” (sexo feminino, 22 anos, ensino médio incompleto, manicure).

Participantes que já tiveram experiência de apadrinhamento de crianças em casas-lar demonstraram ter uma concepção mais ampliada sobre a questão do perfil das crianças que pretendem adotar. A resposta a seguir é um exemplo:

Ao apadrinhar crianças de casa lar de diferentes idades, verifiquei que não importava ser um bebezinho, uma criança de dois anos ou uma de seis anos. A idade não faz diferença, a etnia é o que menos conta, o que realmente importa é a afinidade, o carinho e o laço de amor que se forma com o tempo (sexo feminino, 36 anos, ensino superior completo, administrador financeiro).

De entre os que optaram por adotar crianças saudáveis, somente três respostas referiram não estarem preparados e não possuir tempo suficiente para dedicar a uma criança com algum tipo de doença crônica ou mental.

Representações sociais da adoção

Elaborou-se a seguinte questão aberta: “Escreva o mais detalhadamente possível o que é adoção para você”. As respostas foram analisadas a partir de uma análise categorial temática indicando oito temas centrais para as representações sociais da adoção, conforme pode ser observado na Figura 1.

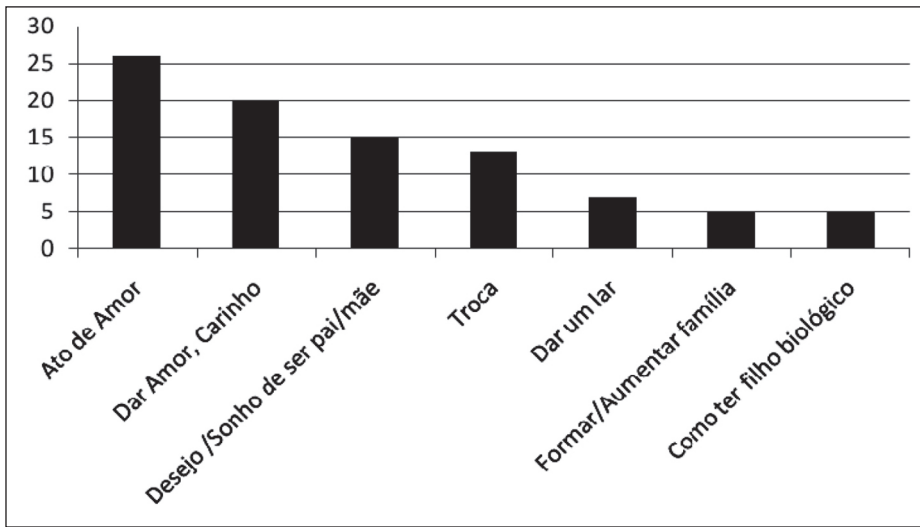


Figura 1. Categorias temáticas dos dados das representações dos pretendentes sobre adoção.

A principal categoria, com maior número de citações (26 citações), descreve adoção como “um ato de amor”. Depois disso seguiu-se a ideia de “dar amor, carinho para uma criança” (20 citações). Também houve citações referindo “realizar o desejo ou sonho de ser mãe/pai” (15 citações), a “troca afetiva, e emocional entre os pais e a criança” (13 citações), “dar um lar para crianças que foram abandonadas e privadas de seus direitos” (7 citações). Adoção ainda foi descrita como meio de “formar ou de aumentar a família” para cinco pessoas, e algo igual a “ter um filho biológico” para cinco pessoas. Para duas pessoas a adoção foi descrita como uma forma de “caridade ou ajuda ao próximo”.

Posteriormente, uma análise fatorial de correspondência foi realizada com as respostas a esta mesma questão, com auxílio do *software* SPAD. A partir desta análise obtiveram-se 3 fatores. O fator 1 explica 42.23%, o fator 2, 34.81% enquanto o fator 3 explica 22.20%, perfazendo um total de 99.24% da variância total das respostas.

Com o primeiro fator surge uma contraposição entre as representações sociais masculinas e femininas sobre adoção. A Tabela 1 apresenta os elementos associados ao primeiro fator. Um primeiro polo ligado a este fator ao qual se associaram as variáveis *Sexo Masculino* e *Mais de 46 anos* apresenta os elementos *Completar, Saudável, Melhor, Humano, Família, Verdadeiros e Estrutura*, trazendo a noção de que adoção é uma forma de completar a família, dando uma família estruturada para uma criança. Em contraposição ao primeiro polo, um segundo polo ao qual se

associaram as variáveis *Sexo Feminino* e idade entre 20 e 30 anos trouxe os elementos *Existir, Aumentar, Carinho, Doação, Mudar, Diferença, Necessidade*, apresentando a adoção como uma forma de doação de carinho para mudar ou fazer a diferença na vida de uma criança.

Tabela 1
Elementos da Análise Fatorial de Correspondências do Fator 1

Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²	Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²
Sexo Masculino	-0.37	27.4	0.60	Sexo Feminino	0.28	21.0	0.58
Mais de 46 anos	-0.97	38.6	0.48	20 – 30 anos	0.39	12.9	0.24

Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²	Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²
Completar	-1.41	14.5	0.58	Existir	1.02	4.5	0.40
Saudável	-2.01	5.9	0.72	Aumentar	0.70	3.9	0.82
Melhor	-0.90	4.7	0.92	Carinho	0.40	3.9	0.96
Humano	-1.02	4.6	0.98	Doação	0.48	2.3	0.94
Família	-0.26	2.6	0.51	Mudar	0.60	2.1	0.83
Verdadeiros	-0.69	2.1	0.91	Diferença	0.60	2.1	0.83
Estrutura	-0.69	2.1	0.91	Necessidade	0.60	2.1	0.83

O segundo fator traz novamente uma contraposição entre o discurso de homens e de mulheres. A Tabela 2 apresenta as palavras associadas ao fator 2. Para os homens a adoção é vista como uma forma de resgatar os direitos de crianças a quem isso foi negado. As mulheres trazem a adoção como uma possibilidade de realizar o sonho de ser mãe. Um primeiro polo ligado a este fator ao qual se associaram as variáveis *Sexo Masculino* e idade entre 31 e 45 anos, apresenta os elementos *Criança, Semelhante, Mostrar e Direitos*. Em contraposição ao primeiro polo, um segundo polo ao qual se associaram as variáveis *Sexo Feminino* e *mais de 46 anos* apresenta o elemento *Completar* como palavra com maior contribuição ao polo, marcando o desejo de completar a família e ainda os elementos *sonho, realizar e mãe*, trazendo a adoção como a possibilidade de realizar o sonho de ser mãe.

Tabela 2

Elementos da Análise Fatorial de Correspondências do Fator 2

Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²	Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²
31- 45 anos	-0.23	19.7	0.77	Mais de 46 anos	0.97	46.7	0.48
Sexo Masculino	-0.21	10.8	0.19	Sexo Feminino	0.16	8.4	0.19

Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²	Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²
Criança	-0.26	4.2	0.92	Completar	1.19	12.5	0.41
Semelhante	-0.72	3.7	0.62	Mãe	0.59	6.4	0.66
Mostrar	-0.72	2.8	0.62	Cuidar	1.43	5.4	0.69
Direitos	-0.52	2.8	0.86	Sonho	0.44	4.5	0.90
				Existir	0.89	4.3	0.31
				Sentimentos	1.08	4.1	0.74
				Deus	0.80	3.4	0.30
				Realizar	0.41	3.3	0.51
				Saudável	1.6	2.8	0.28
				Desejo	0.46	2.2	0.79

O terceiro fator apresenta a noção de que a adoção é uma oportunidade de ter mais um filho, que não necessariamente precisa ser biológico. Entre os homens, é como ter um filho não biológico e aumentar a família, enquanto as mulheres não veem diferença entre ter um filho biológico ou um filho por adoção. A Tabela 3 apresenta as palavras associadas ao fator 3. Um primeiro polo ligado a este fator, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Masculino* e idade entre *20 e 30 anos*, apresenta os elementos *Filho, Biológico, Próximo, Existir, Amor e Conviver*. Um segundo polo ligado a este fator, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Feminino* e idade entre *31 e 45 anos*, traz os elementos *Realizar, Dar, Cuidar, Motivar, Importante, Suprir, Trazer e Dedicar* associados à adoção.

Tabela 3
Elementos da Análise Fatorial de Correspondências do Fator 3

Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²	Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²
20 – 30 anos	-0.59	55.1	0.54	31 – 45 anos	0.11	7.4	0.19
Sexo Masculino	-0.21	17.1	0.20	Sexo Feminino	0.18	15.3	0.22

Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²	Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²
Filho	-0.39	10.4	0.70	Realizar	0.40	4.8	0.47
Biológico	-0.35	4.8	0.85	Dar	0.20	3.3	0.65
Próximo	-0.49	4.6	0.92	Família	0.23	3.9	0.40
Existir	-0.86	6.2	0.29	Cuidar	0.84	2.9	0.23
Amor	-0.11	2.3	0.79	Motiva	0.59	2.0	0.61
Conviver	-0.28	2.1	0.74	Importante	0.59	2.0	0.61
				Suprir	0.59	2.0	0.61
				Trazer	0.59	2.0	0.61
				Dedicar	0.59	2.0	0.61

Motivações das pessoas em geral sobre adoção

Elaborou-se questão aberta para identificar aspectos relacionados às motivações das pessoas em geral para adoção. “Na sua opinião, porque as pessoas adotam?” As respostas foram digitadas e procedeu-se primeiramente com uma análise categorial temática e posteriormente com uma análise fatorial de correspondência. A Figura 2 apresenta os nove temas centrais das motivações para adoção.

O motivo mais citado pelos participantes, com 25 citações, foi que as pessoas adotam porque não podem ter filhos biológicos, seguido pela vontade de ajudar, ou a caridade (20 citações). Querer dar amor para uma criança foi citado também por 20 pessoas. O fato de querer formar, aumentar ou completar a família foi o quarto motivo mais citado, com 14 citações. Outro motivo citado foi o de que as pessoas adotam para realizar o sonho de ser pai e mãe (12 citações), ou ainda para preencher um vazio (8 citações). Dar e receber amor, como uma troca de afeto foi citado por 6 pessoas, além disso, adotar para ter felicidade (4 citações) e para ter companhia no momento e/ou na velhice (3 citações).

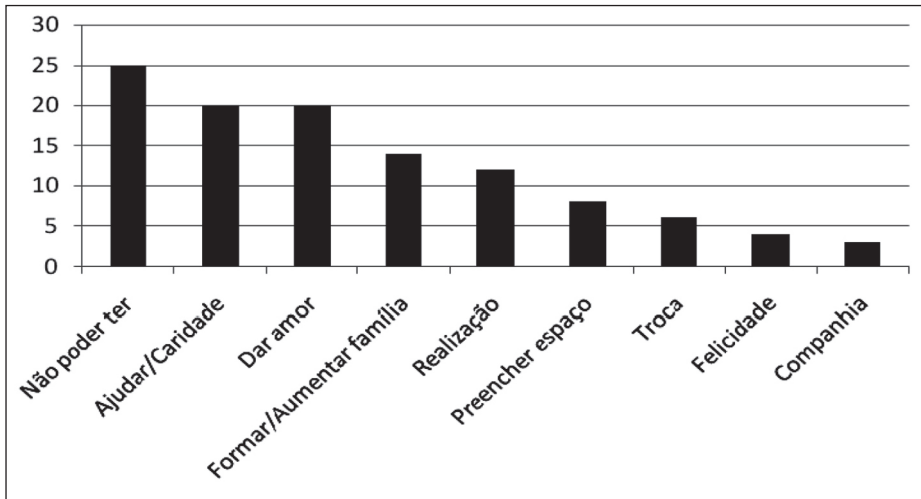


Figura 2. Categorias temáticas dos dados sobre a motivação para adoção.

Posteriormente, procedeu-se a análise fatorial de correspondência com as respostas a esta mesma questão, com auxílio do *software* SPAD. A partir desta análise obtiveram-se três fatores. O primeiro fator explica 44.24% da variância, o segundo fator explica 29.47% e o terceiro fator explica 24%, totalizando 97.7% da variância total das respostas dos participantes.

O primeiro fator, conforme pode ser observado nas modalidades da Tabela 4, apresenta a ideia de que as pessoas adotam porque não podem ter filhos biológicos. Um primeiro polo ligado a este fator, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Masculino* e idade *mais de 46 anos*, apresenta a explicação de que as pessoas adotam porque não podem ter filhos biológicos e acrescenta aspectos relacionados a proporcionar melhores oportunidades a uma criança. Um segundo polo ligado a este fator, que se opõe no eixo fatorial ao primeiro, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Feminino* e idade entre *30 e 45 anos* também atribui a adoção à impossibilidade de ter um filho e apresenta o sofrimento relacionado a esta impossibilidade de gerar.

Tabela 4
Elementos da Análise Fatorial de Correspondências do Fator 1

Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²	Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²
Sexo Masculino	-0.34	11.5	0.36	Sexo Feminino	0.32	11.5	0.32
Mais de 46 anos	-2.01	70.3	0.87	30 – 45 anos	0.19	5.1	0.25

Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²	Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²
Oportunidades	-2.32	15.6	0.96	Sofrimento	0.52	2.0	0.55
Impossibilidade	-2.32	7.8	0.96	Engravidar	0.51	1.5	0.45
Melhor	-2.32	7.8	0.96	Não pode ter	0.51	1.1	0.45
Proporcionar	-1.09	6.0	0.79	Pais	0.39	1.1	0.70
Realizar	-0.91	4.8	0.79				
Ato	-1.33	3.9	0.77				
Educar	-0.65	1.9	0.92				
Sonho	-0.65	1.9	0.92				

O segundo fator aponta atribuições aos motivos para adoção referendados no desejo de ter um filho, mesmo que não seja biológico, bem como a necessidade de preencher um vazio ou falta e completar a família. A Tabela 5 apresenta as modalidades associadas ao Fator 2. Observou-se que um primeiro polo relacionado a este fator, ao qual se associaram as pessoas com idade entre *31 e 45 anos*, trouxe novamente como atribuição de motivos para adoção, o fato de não poder ter filhos biológicos, mas o desejo de viver como família. Em contraposição a este polo, surge um segundo, ao qual se associaram as pessoas com idade entre *20 e 30 anos*, que traz a ideia de que as pessoas adotam para preencher um vazio e completar a família.

Tabela 5

Elementos da Análise Fatorial de Correspondências do Fator 2

Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²	Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²
31 – 45 anos	-0.31	19.9	0.64	20 – 30 anos	1.46	74.4	0.88

Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²	Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²
Filhos	-0.32	5.3	0.82	Falta	1.39	6.3	0.79
Biológico	-0.40	3.5	0.63	Sentimento	1.65	5.9	0.65
Desejo	-0.36	2.6	0.77	Completar	0.57	5.7	0.84
Viver	-0.39	1.0	0.67	Vazio	1.21	4.8	0.86
				Amar	0.31	2.5	0.93
				Relação	0.72	2.3	0.75
				Receber	0.64	2.2	0.80
				Necessidade	0.36	1.9	0.64
				Família	0.23	1.6	0.72

O terceiro fator traz a noção de que as pessoas adotam por solidariedade. A Tabela 6 apresenta as modalidades associadas ao fator. Em um primeiro polo, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Masculino* e idade entre *20 e 30 anos*, as motivações para adoção são relacionadas ao sentimento de ajudar e de fazer a diferença na vida de uma criança.

Tabela 6
Elementos da Análise Fatorial de Correspondências do Fator 3

Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²	Modalidades	Coord.	Contr. Absoluta	Cos ²
Sexo Masculino	-0.43	33.9	0.57	Sexo Feminino	0.44	38.7	0.59
20 – 30 anos	-0.46	9.2	0.09	Mais de 46 anos	0.44	17.5	0.12

Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²	Elementos	Coord.	Contr.	Cos ²
Sentimento	-1.20	3.9	0.34	Proporcionar	0.55	2.8	0.20
Coração	-0.5	2.7	0.94	Mãe	0.41	2.7	0.89
Vida	-0.82	2.7	0.63	Realizar	0.46	2.3	0.20
Biológico	-0.30	2.5	0.36	Exercer	1.18	1.9	0.54
Condições	-0.65	2.3	0.63	Generosidade	1.18	1.9	0.54
Filhos	-0.14	1.3	0.16	Formar	0.39	1.6	0.44
				Pai	0.30	1.1	0.53

Um segundo polo, que se contrapõe ao primeiro, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Feminino* e *Mais de 46 anos*, traz o sentido de que a adoção para os outros pode ser um ato de generosidade, contudo para a pessoa que fala, é tida como uma maneira de ter um filho.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo deste estudo foi investigar as representações sociais da adoção para pretendentes à adoção, bem como o perfil das crianças pretendidas e as motivações para adoção.

No que tange ao perfil dos pretendentes, observou-se de forma geral uma escolaridade e renda maior do que a média dos Brasileiros. De entre os participantes da pesquisa, maior proporção (33.7%) declarou ter nível superior completo, seguidos pelos participantes com nível médio completo (24.1%) e pelos com nível superior incompleto (15.7%). A menor proporção, somente 1.2% declarou ter o nível fundamental incompleto. Nos dados do censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), observou-se que apenas 7.9% da população declarou ter nível superior completo, já o percentual das pessoas com nível fundamental incompleto era de 50.2%. Com relação à renda mensal individual dos participantes,

obteve-se uma média de R\$ 2641.85, esta renda também é superior a renda média dos brasileiros no censo de 2010, que foi de R\$ 1345 reais mensais. Estudo de Mariano e Rosseti-Ferreira (2008), com pretendentes à adoção, também observou que os adotantes cadastrados pareciam ter condições socioeconômicas próprias das camadas médias, possuindo um maior grau de escolaridade (27% com terceiro grau) e exercendo atividades que requerem especialização.

No que tange ao perfil das crianças desejadas para serem adotadas, observou-se que os participantes foram mais flexíveis com relação ao sexo e à raça/cor das crianças, uma vez que 54.8% dos participantes não fez opção pelo sexo da criança, enquanto 50% também não fizeram opção com relação à raça/cor. Embora a preferência pela adoção de meninas tenha sido citada por 33.3% e por crianças brancas por 33.8% dos pretendentes. As explicações em torno da escolha de uma criança branca foi a de que é importante que a criança seja parecida com os pais para que não sofra preconceito. Ressalta-se que a maior proporção dos pretendentes (97.6%) eram brancos. Em estudo de Weber (2011) a justificativa da opção por crianças brancas foi a mesma, a de que os pais não se dizem preconceituosos, porém a sociedade o é, e dessa forma a criança ficaria exposta ao preconceito se não for adotada por uma família parecida com ela fisicamente.

Além disso, a maioria dos participantes (89.2%) prefere adotar somente uma criança, enquanto 10.8% aceitam irmãos. A idade das crianças a serem adotadas foi um dos campos com maior exigência, 30.1% querem adotar bebês de até um ano de idade e 21.7% adotariam uma criança até 3 anos de idade. Comparando-se estes dados com o perfil de crianças acolhidas nesta mesma comarca, em condições de adoção, observa-se uma grande discrepância, visto que 64% dos meninos têm idade entre 11 e 18 anos, e das meninas o percentual é de 77% entre 11 a 18 anos.

No município onde foi realizada a presente pesquisa, há 32 crianças acolhidas de ambos os sexos, com idades entre 0 a 18 anos. Em geral, para crianças com menos de 6 anos o tempo de acolhimento é curto podendo variar em dias até dois meses. Na contramão da lei, crianças com faixa etária acima dos sete anos e adolescentes, o tempo de acolhimento varia de meses a oito anos. Sobre os motivos do acolhimento, a grande maioria (13 crianças) veio por violência física ou psíquica. Em segundo lugar, nove crianças foram acolhidas por serem vítimas de abuso sexual, sete crianças por motivo de negligência e duas crianças por serem órfãos ou abandonados. Uma criança também foi acolhida porque os responsáveis apresentarem condições desfavoráveis para cuidado.

Tais dados são corroborados por estudo de Coimbra (2005) que observou que as demandas referentes a crianças entre zero e um ano são muito intensas, assim como o desejo de adotar crianças brancas e ou pardas, o que corresponderia às características dos adotantes. Para este autor, os pretendentes buscam na adoção

não apenas um filho, mas exatamente aquele filho que não puderam ter. Assim, a cor da pele passaria a valer como um ponto de identificação entre pais e criança, a partir da qual, uma ideia de semelhança vai sendo construída.

De acordo com Lee (1963), em algumas culturas, desenvolveu-se a noção de que a adoção deveria ser, tanto quanto possível, da mesma forma que constituir biologicamente uma família. Neste caso, a finalidade da adoção é substituir a família natural pela adotiva em todos os aspectos, exceto o biológico, negando-se o fato de que a adoção é de fato diferente da parentalidade biológica, ao que Kirk (1964) denominou de “rejeição da diferença”. Nestes casos, o propósito da adoção explicita uma motivação centrada no interesse superior dos adotantes e não da criança que será adotada, a criança passa a ser vista como um meio e não um fim (Reppold & Hutz, 2003).

Com relação à saúde da criança, 88.9% dos participantes afirmou que pretende adotar uma criança saudável e somente 11.1% dispõe-se a adotar crianças com problemas de saúde tratáveis. Nenhum pretendente referiu que adotaria uma criança com problemas de saúde mental, doenças crônicas ou outras deficiências. As explicações que alguns pretendentes deram para escolher crianças saudáveis foi a de que não se sentem preparados e não tem tempo suficiente para dedicar-se a uma criança com algum tipo de doença crônica ou mental. Estudo de Weber (2011) corrobora essas respostas, uma vez que a maioria das explicações pela recusa de crianças com saúde comprometida é o trabalho e sofrimento que julgam decorrentes de tais condições.

Observou-se, no entanto, que os participantes que já tiveram experiência de apadrinhamento de crianças em casas-lar demonstraram ter uma concepção mais ampliada sobre a questão do perfil das crianças que pretendem adotar. De acordo com Nabinger (2010), o aumento das discussões sobre a temática da adoção propiciaram uma ampliação na maioria do perfil dos pretendentes, no sentido de aceitar crianças de outras idades e condições que dificilmente seriam cogitadas para adoção. Porém, ainda é maioria o grupo de candidatos que busca recém-nascidos como única opção de adoção e, para estes, a passagem do filho sonhado para o filho real poderá ser mais lenta e dificultosa.

As explicações dos participantes sobre a escolha de bebês para adoção giraram em torno de três eixos: O primeiro explicava que o desejo por adotar um bebê seria para poder acompanhar/participar de todas as fases da vida da criança. O segundo aponta para o fato de que adotar um bebê possibilita curtir mais a criança e também de que é mais fácil estabelecer com ela um vínculo afetivo. O terceiro afirma que quanto mais cedo se adota uma criança, mais fácil é de se educá-la ou “moldar” seu comportamento. Otuka, Scorsolini-Comin e Santos (2009) referem que a maioria da população brasileira tem uma visão preconceituosa a respeito da adoção tardia,

e por isso preferem optar por crianças recém-nascidas. Pensamentos como os de que crianças mais velhas trazem maus hábitos de sua história pregressa, de que o vínculo de afeto fica comprometido com o passar do tempo, e de que os futuros pais não vão saber lidar com a história de vida da criança são motivos pelos quais se opta pela adoção de recém-nascidos.

Com relação às representações sociais dos participantes sobre adoção, a análise categorial temática trouxe como principal categoria, a da adoção como “um ato de amor”. Depois disso seguiu-se a ideia de que adoção é “dar amor e carinho para uma criança”. Também houve citações referindo a “troca afetiva, e emocional entre os pais e a criança”, a possibilidade de “realizar o sonho ou desejo de ser mãe/pai”, de “dar um lar para crianças que foram abandonadas e privadas de seus direitos”. Adoção ainda foi descrita como meio de “formar ou de aumentar a família”, e como algo igual a “ter um filho biológico”. A adoção ainda foi descrita como uma forma de “caridade ou ajuda ao próximo”.

Considera-se importante referir que o tema da campanha de adoção promovida pelo Poder Judiciário de Santa Catarina, é exatamente “Adoção é um ato de amor”, a frase mais citada nas representações sociais dos pretendentes à adoção, participantes deste estudo. Isto pode ter acontecido em função de que, de acordo com Flament (1999), as respostas que normalmente colhemos refletem as opiniões “bem vistas” por certas instâncias de referência. Assim, a adequação normativa das representações sociais explicitadas em instrumentos de pesquisa precisa ser levada em conta, assim como a influência de para quem o sujeito fala quando responde aos questionários. Neste caso, observou-se que os participantes escolheram a “boa resposta”, devolvendo o conceito veiculado pelo poder judiciário na mídia.

A análise fatorial de correspondência diferenciou três fatores da representação social da adoção. Com o primeiro fator surgiu uma contraposição entre as representações sociais masculinas e femininas sobre adoção. Enquanto para os homens com mais de 46 anos a adoção é uma forma de completar a família, dando uma família estruturada para uma criança, para as mulheres com idade entre 20 e 30 anos a adoção é uma forma de doação de carinho para mudar ou fazer a diferença na vida de uma criança.

O segundo fator traz novamente uma contraposição entre o discurso de homens e de mulheres. Para os homens com idade entre 31 e 45 anos a adoção é vista como uma forma de resgatar os direitos de crianças a quem isso foi negado. Enquanto as mulheres com mais de 46 anos falam sobre o desejo de completar a família e apresentam a adoção como a possibilidade de realizar o sonho de ser mãe.

No terceiro fator, os homens com idade entre 20 e 30 anos apresentam a noção de que adoção é como ter um filho não biológico e aumentar a família, enquanto

as mulheres com idade entre 31 e 45 anos trazem a concepção de que a adoção inclui realização, doação, cuidar, suprir e se dedicar à criança.

Ficaram claras as oposições entre as representações sociais de homens e mulheres acerca da adoção. Enquanto para as mulheres a adoção foi associada a amor, carinho, realizar o sonho de ser mãe e aumentar a família, para os homens houve maior proximidade com questões relacionadas a dar uma família estruturada para uma criança, ou resgatar os direitos que lhe foram negados. Isto pode ser explicado em função de que a maternidade é normalmente entendida como algo essencial na constituição da mulher. É comum encontrar-se a definição de mãe atrelada à noção de cuidados e proteção (Orlandi & Toneli, 2005). Enquanto a função de prover a família, tradicionalmente atribuída ao homem, está associada à própria identidade masculina (Siqueira, 1999). Além disso, de acordo com Lyra (1997) existe uma associação da mulher ao cuidado para com os filhos e do homem ao provento material destes. Homens e mulheres atualizam ou não estas prescrições, assumindo mais ou menos estes modelos sociais.

Elaborou-se questão aberta para identificar aspectos referentes às motivações das pessoas em geral para adoção. A análise categorial temática apresentou como principal categoria, a representação de que as pessoas adotam porque não podem ter filhos biológicos, seguido pela vontade de ajudar, ou fazer caridade. Querer dar amor para uma criança, querer formar, aumentar ou completar a família, adotar para realizar o sonho de ser pai e mãe, ou ainda para preencher um vazio. Dar e receber amor, como uma troca de afeto, além disso, adotar para ter felicidade e para ter companhia no momento e/ou na velhice.

Com a análise fatorial de correspondência das respostas a esta questão, identificaram-se três fatores. O primeiro fator apresentou a ideia de que as pessoas adotam porque não podem ter filhos biológicos. Um primeiro polo ligado a este fator, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Masculino* e idade *Mais de 46 anos* apresenta a explicação de que as pessoas adotam porque não podem ter filhos biológicos e acrescenta aspectos relacionados a proporcionar melhores oportunidades a uma criança. Um segundo polo ligado a este fator, que se opõe no eixo fatorial ao primeiro, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Feminino* e idade entre *30 e 45 anos* também atribui a adoção à impossibilidade de ter um filho e apresenta o sofrimento relacionado a esta impossibilidade de gerar. A infertilidade continua sendo o motivo mais frequente dos candidatos que buscam a adoção. Poucas pessoas imaginam que poderão ter problemas relacionados à procriação. Quando isso ocorre a maioria recorre a soluções médicas, mas apenas cerca de 50% destes serão, eventualmente, capazes de ter uma criança biológica. Sendo assim, a adoção é, na maioria das vezes, a última opção de escolha para a realização do projeto de parentalidade (Weber, 2011).

O segundo fator aponta atribuições aos motivos para adoção referendados no desejo de ter um filho, mesmo que não seja biológico, bem como a necessidade de preencher um vazio ou falta e completar a família. Observou-se que um primeiro polo relacionado a este fator, ao qual se associaram as pessoas com idade entre *31 e 45 anos*, trouxe novamente como atribuição de motivos para adoção, o fato de não poder ter filhos biológicos, mas o desejo de viver como família. Em contraposição a este polo, surge um segundo, ao qual se associaram as pessoas com idade entre *20 e 30 anos*, que traz a ideia de que as pessoas adotam para preencher um vazio e completar a família

O terceiro fator traz a noção de que as pessoas adotam por solidariedade. Em um primeiro polo, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Masculino* e idade entre *20 e 30 anos*, as motivações para adoção são relacionadas ao sentimento de ajudar e de fazer a diferença na vida de uma criança. Um segundo polo, que se contrapõe ao primeiro, ao qual se associaram as variáveis *Sexo Feminino* e *Mais de 46 anos*, traz o sentido de que a adoção para os outros pode ser um ato de generosidade, contudo para a pessoa que fala, é tida como uma maneira de ter um filho.

De acordo com Reppold e Hutz (2003) em geral a percepção social sobre o que leva as pessoas a adotar uma criança ou adolescente centra-se em dois polos opostos entre si, o altruísmo ou o hedonismo. No entanto, pesquisa realizada por Weber (2001) demonstrou que a adoção é ainda bastante associada à caridade e filantropia. Isso pode acontecer em virtude da visão assistencialista que fomentou as práticas de proteção a crianças e adolescentes na Europa a partir do século XVII e dois séculos depois no Brasil. Tais ações eram norteadas pelos ideais de benevolência cristã, buscando a salvação pessoal através de ações de virtude, fraternidade, compaixão diante da miséria humana e a expectativa de uma submissão agradecida (Marcílio, 1997; Rizzini, 1997). Outros estudos também verificaram como principal motivação para adoção entre pretendentes cadastrados em Fóruns brasileiros, a infertilidade e outros problemas de saúde (Cassin, 2000; Pereira & Santos, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo visou observar as representações sociais de pretendentes brasileiros à adoção, sobre adoção, bem como suas motivações e perfil desejado de crianças. Os resultados mostraram que as motivações relatadas evidenciam que as pessoas adotam porque não podem ter filhos biológicos e também porque querem fazer caridade.

Quanto as representações sociais, houve oposição nas representações de homens e mulheres sobre adoção, demonstrando que enquanto as mulheres evidenciam os aspectos afetivos e o desejo de ser mãe, os homens se preocupam com prover a estrutura e os direitos às crianças.

Para a amostra como um todo, identificou-se representação social da adoção como um ato de amor, como “formar família”, ou ainda “igual a ter um filho biológico”. A representação social é um tipo de conhecimento estruturado e possui um papel determinante na forma como os indivíduos reagem face à realidade (Campos & Rouquette, 2003), o que implica afirmar que para os participantes dessa pesquisa tais representações da adoção estão relacionadas com as práticas de adoção de bebês brancos, parecidos com os adotantes para que a família seja o mais parecida possível com uma formada através dos laços consanguíneos. Isto tem feito com que seja negado as crianças mais velhas o direito de ter uma família, enquanto os pretendentes aguardam na fila por uma criança que ainda não nasceu.

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1994). Introduction. In J.-C. Abric (Org.), *Pratiques sociales et représentations* (pp. 07-09). Paris: Presses Universitaires de France.
- Abric, J. C. (2003). Abordagem estrutural das representações sociais: Desenvolvimentos recentes. In P. H. F. Campos & M. C. S. Loureiro (Eds.), *Representações sociais e práticas educativas* (pp. 37-57). Goiânia: UCG.
- Almeida, A. M. O., Santos, M. F. S., & Trindade, Z. A. (2000). Representações e práticas sociais: Contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas em Psicologia*, 8(3), 257-267.
- Becker, M. J. (2002). A ruptura de vínculos: Quando a tragédia acontece. In S. M. Kaloustian (Ed.), *Família brasileira, a base de tudo* (pp. 60-76). São Paulo, SP: Cortez.
- Campos, P. H. F., & Rouquette, M. L. (2003). Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 435-445.
- Cassin, W. C. (2000). *O psicólogo judiciário e a cultura da adoção: Limites, contribuições e perspectivas*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Coimbra, J. C. (2005). A demanda nos processos de habilitação para adoção e a função dos dispositivos judiciais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 5(2), 67-78.
- Doise, W., Clemence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1992). *Représentations sociales et analyses des données*. Grenoble: PUG.
- Flament, C. (1999). La représentation sociale comme système normatif. *Psychologie et Société*, 1, 29-53.
- Flament, C. (2001). Estrutura e dinâmica das representações sociais. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 173-186). Rio de Janeiro: UERJ.
- Gomes, I. C., & Iyama, R. (2001). Atendimento breve de orientação psicanalítica a pais de crianças adotivas. *Boletim de Psicologia*, 114(51), 109-121.

- Iyama, R., & Gomes, I. C. (2005). A adoção sob um “olhar” winnicottiano. *Encontro: Revista de Psicologia*, 10(12), 58-70.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp. 17-41). Rio de Janeiro: Ed. UDUERJ.
- Kirk, D. (1964). *Shared fate: A theory of adoption and mental health*. New York: Free Press.
- Lebart, S., & Salem, A. (1988). *L'analyse statistique de données textuelles*. Paris: Bordas.
- Lee, R. (1963). *North Carolina family law* (Vol 3). Charlottesville, VA: Michie.
- Levinzon, G. K. (2006). A adoção na clínica psicanalítica: O trabalho com os pais adotivos. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, 14(1), 24-31.
- Lyra, J. L. C. (1997). Paternidade adolescente: Uma proposta de intervenção. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Consultado em http://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/51_fonseca_jorge_luiz_cardoso_lyra_da_termo.pdf
- Marcílio, M. L. (1997). A roda de expostos e a criança abandonada na história do Brasil: 1726-1950. In M. C. Freitas (Org.), *História social da infância no Brasil* (pp. 51-76). São Paulo: Cortez.
- Mariano, F. N., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2008). Que perfil da família biológica e adotante, e da criança adotada revelam os processos judiciais? *Psicologia Reflexão e Crítica*, 21(1), 11-19.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas (Org.), *Social cognitions: Perspectives on everyday understanding*. New York: Academic Press.
- Nabinger, S. (2010). *Adoção: O encontro de duas histórias*. Santo Ângelo: FURI.
- Orlandi, R., & Toneli, M. J. F. (2005). Sobre o processo de constituição do sujeito face à paternidade na adolescência. *Psicologia em Revista*, 11(18), 257-267.
- Otuka, L. K. (2009). *Adoção por famílias com filhos biológicos: A perspectiva dos casais adotantes*. (Monografia não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2009). A configuração dos vínculos na adoção: Atualização no contexto latino-americano. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 19(3), 475-486.
- Paiva, L. D. (2004). *Adoção: Significado e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pereira, J. M., & Santos, M. A. (1999). O enfoque psicológico da adoção: Revisão da literatura. In R. C. Labate (Ed.), *Caminhando para a assistência integral* (pp. 225-247). Ribeirão Preto, SP: Scala.
- Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: Características psicossociais das mães adotivas. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 25-36.
- Rizzini, I. (1997). *O século perdido: Raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. Rio de Janeiro: USU.
- Rosa, D. B. (2008). A narratividade da experiência adotiva: Fantasias que envolvem a adoção. *Psicologia Clínica*, 20(1), 97-110.
- Rouquette, M.-L. (1998). Representações e práticas sociais: Alguns elementos teóricos. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB Editora.
- Santos, M. A., & Pereira, J. M. F. (1999). A interface entre as abordagens psicológica e legal da adoção. In R. C. Labate (Ed.), *Caminhando para a assistência integral* (pp. 307-330). Ribeirão Preto, SP: Scala.
- Santos, M. A., Raspantini, R. L., Silva, L. A. M., & Escrivão, M. V. (2003). Dos laços de sangue aos laços de ternura: O processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *Psic*, 4(1), 14-21.

- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2008). Aprender a viver é o viver mesmo: O aprendizado a partir do outro em um grupo de pais candidatos à adoção. *Vínculo*, 5(2), 115-130.
- Siqueira, M. J. T. (1999). Novas formas de paternidade: Repensando a função paterna à luz das práticas sociais. In A. L. Silva, M. C. S. Lago, & T. R. O. Ramos (Orgs.), *Falas de gênero* (pp. 187-202). Florianópolis: Editora Mulheres.
- Trindade, Z. A. (1993). As representações sociais e o cotidiano: A questão da maternidade e paternidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(3), 535-546.
- Trindade, Z. A. (1998). Reflexão sobre o estatuto das práticas na TRS. *Anais do Simpósio Internacional sobre Representações Sociais*, 1, 18-28.
- Weber L. N. (2001). *Pais e filhos por adoção no Brasil: Características, expectativas e sentimentos*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N. (2003). *Pais e filhos por adoção no Brasil: Características, expectativas e sentimentos*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N. (2011). *Aspectos psicológicos da adoção* (2ª. ed.). Curitiba: Juruá.